SOMOS IGUAIS OU DIFERENTES
UMA ABORDAGEM SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL: SURDEZ

Cristiane Lisboa Correia
Eurides Conceição Macedo
Maria Valneide de Santana
Sandra Ferreira Aragão
Tânia de Souza Silva

Resumo

O presente estudo tem como principal objetivo a valorização do trabalho cientifico e da troca de conhecimento entre educador, aluno, família e sociedade no processo de ensino-aprendizagem, no âmbito de educação especial. Aborda, sobretudo, a causa da discriminação e a separação de seres de forma excludente, tendo como fator preponderante a ausência de conhecimentos, denotando claramente que os julgamentos se fazem a partir do ponto de vista do senso comum. Fato que diferentemente ocorre quando existe o conhecimento especifico sobre o assunto do qual trata este estudo. Para exemplificar como a ciência contribui de forma positiva na vida cotidiana de profissionais da educação e afins, esse estudo também faz menção a parte da história de vida da menina Vitória – que adquiriu surdez nos primeiros dias de sua existência. Retrata como fatos dessa história se destacam pela educação inclusiva, dedicação e afetividade de sua mãe, Geórgia Poderoso, que a motivou a promover a criação de um instituto para atendimento a pessoas especiais nesse segmento, o IPAESE - Instituto de Apoio a Educação do Surdo de Sergipe – demonstrando um profundo comprometimento com a causa (surdez) não apenas para atender as necessidades pessoais da filha, mas acima de tudo, por compreender que os seres humanos são diferentes por natureza, e iguais por precisarem do convívio comum. Os registros aqui citados foram feitos através de pesquisas, utilizando os recursos de entrevista, observação e equiparação dos fatos com fundamentação teórica de autores da educação especial.

Palavras-chave: Inclusão. Educação. Afetividade.

Introdução

O presente artigo é fundamentado em pesquisa bibliográfica e dados colhidos por meio de entrevista e depoimentos, com Geórgia Poderoso (professora de libras), mãe da menina Vitória Poderoso, que tem surdez profunda, e com Sandra, Coordenadora do IPAESE (Instituto de Apoio a Educação do Surdo de Sergipe). No corpo deste trabalho, foram usados termos como: "dificuldade", que segundo Aurélio quer dizer "Situação Crítica", e "inclusão" que remete à reflexão: o que nos faz iguais ou diferentes? Para abordar e revelar qual o princípio da dificuldade em aceitar e compreender o diferente, este artigo faz menção, também, a pensamentos de autores da comunidade educacional, bem como a ações e reflexões, sobre fundamentos técnicos, teóricos, práticos e afetivos, com finalidade de promover uma verdadeira inclusão.

O estudo em pauta, tem como principal premissa a observação dos seguintes aspectos: a) a valorização do trabalho científico, bem como à relevância da troca de conhecimentos entre indivíduos inseridos no processo de ensino-aprendizagem da educação especial; b) a reflexão sobre os erros cometidos a partir de julgamento preconceituoso, sem conhecimento técnico baseado apenas no senso comum, como agrupar ou separar pessoas em iguais e diferentes; c) o conhecimento do histórico e do cotidiano da Professora Geórgia, sua filha Vitória (que tem surdez profunda), e do papel do instituto IPAESE. Todos estes aspectos revelam limitações, desafios e superações na vida dos envolvidos nesse contexto.

Este estudo abrange o âmbito educacional, que vai da escola até o convívio do educando, em seu meio comunitário e social. Além dessa abrangência, há também uma perspectiva voltada para relação de afetividade educador/educando. Pois segundo Paulo Freire (1996, p. 11), "a ação docente está ligada diretamente ao amor à profissão". Há inclusive, citações de autores, como as de Augusto Cury, que não possui uma literatura cientifica, mas expressa, significativamente, uma sensibilidade na questão afetividade/docência, por meio de relatos sobre a história de "*Jesus Cristo"*, o qual ele O nomeia como "professor do amor", (CURY, 2002). O presente artigo é norteado, principalmente, nas ações desenvolvidas pela Professora de Libras, Geórgia, que acompanha, passo a passo os caminhos da filha Vitória, que é surda.

Objetivando alargar o conhecimento profissional do educador e priorizar o exercício de convívio com criança com necessidade surdez, dentro da escola com extensão no lar e na sociedade, este artigo encontra-se organizado em dois momentos. O primeiro, discorre sobre a “dificuldade” para aceitação e convivência com “o diferente”. Afinal, somos iguais ou diferentes? Esse questionamento não deve ser determinante, mas precisa ser continuo, para que se alcance uma verdadeira inclusão. Conforme afirma Freire (1996, p.47), quando propõe uma sociedade menos arestosa, fundamentado em práticas reais:

> A sociedade, social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância...(FREIRE, 1996. p 47)

Para que se alcance uma real inclusão, faz-se necessário a troca de conhecimentos entre profissionais pedagógicos, familiares e sociedade em geral, quando da realização de ações conjuntas ou não, seja dentro ou fora da escola.

No segundo momento, as abordagens são, exatamente, relatos e informações sobre Vitória e seu contexto de vida educacional, familiar e social. Nesta parte, também há relatos de pesquisas referentes à causa, ao diagnostico e ao parecer médico, acerca da surdez da menina. O conhecimento técnico-científico do profissional em educação especial acrescido de afetividade na sua ação docente deve estar a serviço do homem, promovendo a idealizada inclusão social.

As ações que nos separam com diferentes ou nos agrupam como semelhantes, começam quando exigimos pensamentos e raciocínios lógicos, iguais para todos. Exigência impossível de ser atendida. As pessoas com graus de dificuldades diferenciadas precisam de tratamentos iguais as demais, todavia suas especialidades não podem ser simplesmente ignoradas. Ao contrario, a partir das necessidades de cada indivíduo, o tratamento deve ser feito não somente de forma técnica, mas acrescido de certo grau de afetividade. É essa articulação que faz a diferença promovendo o crescimento profissional e pessoal de cada individuo inserido neste processo.

Somos Iguais ou Diferentes?

De fato! O que nos faz iguais? O que nos faz diferentes? É possível responder a esse questionamento? Sim é possível. Ser igual ou diferente depende do ponto de vista, da leitura que cada um faz de si próprio e do mundo que o cerca. Depende acima de tudo, do grau de conhecimento e de interação que cada indivíduo tem com relação ao seu meio em que vive. Falando de ponto de vista, para um surdo, o normal é o silêncio, os gestos, o sentir. Para um ouvinte, o normal é o som, a música, a voz, o tom. Todo o restante para ambos, lhe parece casual "diferente". Temos a tendência natural de nos agruparmos em iguais ou diferentes. Isso porque somos diferentes por natureza, todavia necessitamos viver em sociedade. É nesse ponto, que nos tornamos iguais.

Além das diferenças habituais, de pessoa para pessoa, há também divergências ainda mais evidentes, destacadas em indivíduos com necessidades especiais. A educação é o caminho mais curto entre as diferenças de todas as espécies.

Este estudo tende a ampliar a capacidade técnica de educadores, priorizando a sensibilidade para lidar com humanos iguais e desiguais. Mostrar que estreitar os vagos caminhos entre a escola, a família e a sociedade é um dos papéis do educador.

A ciência como instrumento de aplicabilidade da teoria e da prática, permite aos educadores e demais profissionais da área, maiores condições para lidar com as limitações físicas, mentais e psicológicas, impostas pelas necessidades especiais. Na educação especial essa dificuldade é ainda mais profunda, porque "as diferenças", muitas vezes não são compreendidas, algumas, inclusive, são ignoradas. A falta de compreensão resulta da ausência de troca de informações, entre o detentor do conhecimento cientifico (o educador) e a pessoa leiga – aquela que conhece o perfil, o histórico do indivíduo que possui a deficiência. É o diálogo direto e contínuo entre os envolvidos, que possibilitará um relevante papel do educador na vida do aluno e na reestruturação da ação pedagógica do professor.

Lembramos que o processo de construção educacional, quando é feito isoladamente pelas partes (família, escola e sociedade), resulta em ignorar ou mascarar os fatos. Não perceber ou não procurar ajuda da família é um erro do

professor**,** que pensa ser suficiente suas teorias. Não tentar compreender o conhecimento científico, nem a interação com os meios em que vive, é um erro de todos os envolvidos. Portanto, as diferenças vão das limitações reais às psicológicas. As diferenças reais são aquelas que adquirimos na concepção fetal ou ao longo da vida. As limitações psicológicas são aquelas que atribuímos às pessoas, por erro ou ignorância (trata-se do pré-conceito habitual e cultural que carregamos no nosso histórico milenar).

A ciência é sem sombra de dúvida, um tesouro global. É bem verdade que essa preciosidade deve estar a serviço do homem, a serviço do afeto. Não significa que a emoção vai superar a razão, seria um grande retrocesso. Significa que o poder científico deve ser equilibrado com o saber humano.

Todo educador deve ter como premissa necessária para exercer suas funções com eficiência e eficácia, estar atento para as necessidades do mundo, através das pessoas. Saber lidar com o diferente é uma delas. Mas ser especialista em educação especial é para pessoas, também, especiais. O educador que deseja ser mestre em educação especial deve ser norteado pela predisposição do querer trabalhar por amor ao resultado do ofício. Ter conhecimento técnico e uma metodologia específica adequada, que reveste o professor de confiança, para conduzir cada caso. Porém, somente isso não basta para obtenção de resultados significativos à aprendizagem do especial. É imprescindível agregar à técnica, doses de afetividade ao que se faz quebrando paradigmas da educação tradicional. A essa ação Augusto Cury (2002) dá o nome de “inteligência emocional” – aplicar na vida saberes e conhecimentos. Para exemplificar essa ação, Augusto Cury, numa linguagem simples e direta, fala do que chama “Professor do Amor” – Jesus Cristo. Com absoluto respeito e admiração (sem exaltar questão de religiosidade), Cury relata históricos deste “Homem”, como exemplo de ações pedagógicas e afetivas. Pedagógicas, porque tem uma intencionalidade, e afetiva pelo seu amor incondicional. De acordo com os escrito de Libâneo (2007, p.56), “a intencionalidade é a dimensão ética e normativa da prática educativa, pela quais todos os tipos de educadores envolvem-se moralmente no trabalho que realizam”. Conforme afirma Cury, “Jesus Cristo” esteve à frente de seu tempo, foi um “pedagogo do amor”, efetivou suas ações por dois mil anos. E o descreve assim:

> Houve um tempo e um homem!...viveu há muitos séculos e que não apenas teve uma inteligência fascinante, mas também

> uma personalidade misteriosa. Ele conquistou uma fama indescritível. O mundo comemora seu nascimento. Suas idéias foram tão emocionantes que dividiram a História. Seu nome é Jesus Cristo. (CURY, 2002, p.156)

O motivo pelo qual estamos citando “Jesus Cristo”, é por entender que “Ele”, no momento mais crítico de sua vida, deu os maiores, e mais marcantes exemplos de compreensão e aceitação “ao diferente”. Estava predestinado a ser exemplo de vida. Devia andar com os, socialmente, corretos? Errado! Ele escolheu exatamente os diferentes: os “aleijados” (cadeirantes), os cegos, as prostitutas, o cobrador de impostos entre outros, rompeu “a dificuldade” (estado de crise). Numa época de bárbaros, sob a lei de Moisés – olho por olho dente por dente – chegou falando e pregando sua metodologia pedagógica “o amor ao próximo”. “Nunca impôs o que pensava. Jamais pressionou alguém a segui-lo”. (CURY, 2002, p. 159).

O fundamento de se colocar no lugar do outro, é seguramente mais um exemplo desse “Mestre”. O pensamento de “Jesus” era educacional, suas ações sempre tinham uma intencionalidade, eram ações pedagógicas, conforme descreve Cury, sobre as atitudes de “Cristo” para com seus discípulos:

> “Queria que eles trabalhassem em equipe, não vivessem uma competição predatória, refinassem a arte da solidariedade e aprendessem a se doar uns aos outros. Almejava algo, aparentemente, absurdos para nosso individualismo: que os maiores servissem os menores...Como ensinar o que as universidades nunca conseguiram com milhões de informações? Como ensinar algo que contraria a cultura humana, pois sempre os menores serviram os maiores?Ele o fez:- Pegou uma bacia de água, cingiu o lombo com uma toalha, ajoelhou-se diante dos pés de seus discípulos e começou a lavá-los”. (AUGUSTO CURY, 2002)

Essa foi a famosa cerimônia do lava pés (descrita nas Bíblias), relevante ao meio educacional por sua simbologia extremamente pedagógica. O ato de humildade representado pelo “Professor do Amor”, promoveu aprendizagem a muitos, por dois mil anos. Colocando a Fé e a religiosidade, à parte, o que queremos destacar é a efetividade das ações de “Cristo”; é sua semelhança com o educador; é acima de tudo, o fruto de ações positivas, que embora não partam da ciência, se destina a favorecer a aprendizagem do ser humano.

Que lições tiramos deste exemplo? Que dificuldades persistirão para compreendermos as diferenças? Nós somos iguais ou diferentes?

Somos diferentes, à medida que nos olhamos, nos percebemos únicos e com apenas um ponto de vista: o nosso! Somos iguais, à medida que respeitamos os nossos e o limites dos outros, concretizando assim o amor ao próximo. Para Lanz (1995, p.), o homem se distingue por ser único, singelo, diferente. E se tornam iguais pela medida da necessidade de agrupamento, de convívio. O homem é um ser único, que diferentemente dos animais precisa de viver amigavelmente em comum com os demais. Notoriamente essa necessidade tende em aumentar, conforme artigo da revista Cidade Nova nov/2008, onde destaca e associa, a recente crise financeira global com a desestruturação individualista da sociedade. O artigo se fundamenta na prioridade de ações voltadas para o beneficio comum todos. Prega ainda que a atual noção capitalista tem sido predatória para muitos e benéfica para poucos. Tal situação é o verdadeiro motivo da crise no capitalismo. Voltando ao entendimento anterior, é necessário preservar o individualismo de cada pessoa bem como promover o convívio solidário e comum a todos.

Conhecimento, essa é a palavra chave. Conhecer o diferente, e nos conhecermos, saber quais nossos limites, nossas possibilidades. Permitir e criar meios para um campo de aprendizagem dentro e fora da escola, não apenas para o especial, mas principalmente, para os envolvidos nesse processo inclusive a nós mesmo – o educador. A lei já obriga, educação especial deve ser inclusiva, deve estar dentro da escola regular; o governo federal disponibiliza meios, programas e capacitações de recursos para o Ensino Fundamental. Cabe ao professor que tem pré-disposição à educação especial, buscar capacitação e concretizar esse novo papel do educador, ser ponte entre conhecimento científico (toda ação estruturada a partir de dados reais ou fundamentada em teóricos científicos) e conhecimento humano. Efetuar uma educação verdadeiramente inclusiva.

Um olhar sobre Educação Especial: Surdez

Sob reflexão do capítulo anterior, citaremos aqui o exemplo da professora de Libra, Geórgia Poderoso, de sua ação no IPAESE, de seu amor à profissão e a sua filha, Vitória, que é Surda.

No capítulo anterior ficou claro que a exclusão e a discriminação, depende diretamente do ponto de vista e da falta de informação que temos das coisas, das pessoas e das ações que temos de executar. Ser excludente é não sabermos conviver em sociedade. É permitir que a ignorância norteie nossas ações. Diferente disso é que Geórgia, atualmente mestre em educação da Língua de Libras, procurou conhecimento técnico-cientifico, afinidades e ações, como a de fundar o Instituto de Apoio a Educação do Surdo de Sergipe - o IPAESE. Ela percebeu outro ponto de vista, além do próprio. Colocou-se no lugar da filha, Vitória, que é surda, e se questionou: o que um surdo precisa para se desenvolver no processo de ensino-aprendizagem, com iguais oportunidades no mundo dos diferentes? Buscou conhecimento científico e se determinou juntamente com pessoas afins, a criar um espaço específico para esse fim, o que hoje se tornou referência no Estado de Sergipe. Segundo informações da Coordenadora Sandra do IPAESE, essa instituição é referencia, porque trabalha com profissionais especializados. Embora que a legislação visualiza a inclusão de criança deficiente na escola regular, ainda não regulamentou meios, para que, de fato, se concretize a inclusão. Álvaro Marchesi, destaca a importância do IPAESE**,** abordando alguns motivos:

> Alunos surdos de colégios regulares recebem menos atenção e de menor qualidade, já que o número de alunos por aula é maior e os recursos técnicos, pelo contrário, são menores; Os professores nos colégios regulares não estão preparados para ensinar crianças surdas; Os alunos surdos tem sérios atrasos na comunicação oral, e por esse motivo sua integração social não é fácil. Além disso, há uma lentidão na aquisição da linguagem oral afeta as possibilidades de uma aprendizagem normal. (COLL; PALÁCIOS; MARCHESI, 1995, p.205)

Com base nessas dificuldades, é o conhecimento se faz necessário. De acordo com informações do Ministério da Educação contidas no Processo de Capacitação (1997), “a deficiência auditiva pode ser congênita ou adquirida”. No caso de Vitória, essa lesão foi adquirida. Aos 11 anos, ela está cursando 4º ano do

ensino fundamental. Seu histórico fetal e dos primeiro meses de vida, foi determinante para instalação de sua deficiência, a Surdez. Fruto de uma segunda gravidez, nasceu prematura de seis meses, por meio de parto Cesário. Embora tivesse assistência médica necessária, o bebê, contraiu infecção hospitalar. A bactéria perfurou o intestino e o medicamento usado para combater a infecção, causou sérios e definitivos danos à Vitória, que adquiriu Surdez Bilateral – não ouve absolutamente nada.

Conforme asseguram os autores Coll, Palácios e Marchesi, diferente de muitos outros casos de Surdez, o caso de Vitória, se destaca pela interferência e apoio positivo da família e da instituição de ensino no seu desenvolvimento escolar e social.

> A atitude dos pais, diante da surdez de seu filho, terá uma notável influencia. As reações podem ser muito diferentes: desde os que negam sua existência e não se adaptam, portanto, às necessidades da criança, até os que protegem excessivamente. Em uma posição intermediária e mais positiva encontrar-se-iam os pais que, assumido as conseqüências da surdez, utilizam com seu filho todo tipo de recursos comunicativos, favorecendo sua autonomia pessoal. (COLL; PALÁCIOS; MARCHESI, 1995, p.250).

Segundo Sandra, coordenadora do IPAESE, a sociedade deveria, desde os primeiros contatos iniciais com a escola, aprender como segunda língua Oficial do País , a Libras. Mas enquanto esse ideal não se tornar realidade é papel do professor procurar capacitação especifica e adequada a ser usada. O ministério da Educação disponibiliza, no Seu Programa de Capacitação de Recursos Humanos de Ensino Fundamental à Deficiência Auditiva (Volune I), informações necessárias descrita por Giuseppe Rinaldi, revelando como o ouvido funciona. Partido dessas informações é que sabemos que a surdez de Vitória, se deu no ouvido interno, e de forma definitiva. Essa criança, conscientemente, nunca teve contato com som. Segundo Giuseppe Rinald (1997), numa pessoa considerada normal, a audição acontece da seguinte forma: “as vibrações que as ondas sonoras causam no ar, são convertidas em sinais elétricos na cóclea do ouvido interno... esses sinais são transmitidos ao cérebro por meio do nervo auditivo...”. Para Vitória seu contato com o mundo precisa ser visual e perceptivo. Conforme afirma Davidoff (2001), Esse

contato especializado começa na Educação Infantil, com a estimulação precoce, e deve perdurar para vida inteira.

A criança surda possui capacidade de desenvolvimento equiparada ao de uma criança normal, lembrando que seu ritmo de aprendizagem, é um pouco mais lento, dependendo, além de sua maturação, das experiências visuais e psicomotoras que já vivenciou. Contudo a criança Surda aprende muito, também, por meio da observação. Copia modelos, mais que a criança dita normal. Imitar é seu fidbec. De acordo com Davidoff (2001) o adulto precisa estar atento, porque, para o surdo, o que se faz, é mais importante do que o que se diz.

Todavia, no mundo do deficiente auditivo, não são apenas os gestos que tem poder. A escola, o adulto, precisa estabelecer meios de adequação da criança surda à comunicação formal: língua brasileira de libras e sinais. Para Davidoff, a linguagem não é feita apenas por meio do som, mas, principalmente, por imagem ou sinal, neste sentido afirma:

> O usuário de um idioma precisa entender as regras, como aquelas que governam a junção de palavras... precisam aprender conceitos para entender abstrações, tais como similaridade, liberdade e beleza. (DAVIDOFF, 2001, p.205)

Diante do exposto, como um professor sem a devida capacitação, poderá operar na educação de criança com surdez? Como a família poderá ser ajudada, sem buscar auxilio? Esses questionamentos perdem força, à medida que há articulação entre os conhecimentos cientifico, família e sociedade. No instituto IPAESE essa é uma realidade, não uma utopia. Há uma devida articulação entre conhecimento científico e experiências vivenciadas por professores e pessoas inseridas no contexto de educação especial.

Considerações Finais

Conviver em sociedade, não é mais uma necessidade comunitária, é alem disso uma necessidade global, em todos as esferas (social, econômica, cultural). Não é mais tolerável vê na TV noticias provenientes das enumeras desigualdades. Não se trata de ignorar as diferenças, ao contrario, trata-se de saber conviver com estas. A dificuldade dessa compreensão se estabelece à medida que temos apenas

um ponto de vista – o nosso! Se nos colocarmos no lugar do outro, acontece a possibilidade de não só, vermos por outro ângulo o mesmo problema, como também nos permite dar real condição de igualdade ao próximo. O estudo teve por finalidade a valorização do trabalha cientifico sem desmerecer a relevância do conhecimento empírico de cada individuo presente e inserido no processo de ensino-aprendizagem, porque considera o conhecimento como algo inacabado. Algo que começa quando o sujeito é gerado até o dia em que perece. Abordou como falta dessa troca de conhecimento a discriminação e a separação de seres de forma excludente: em *"iguais e diferentes".* Sabe-se que os julgamentos, se fazem a partir do ponto de vista ou do conhecimento que temos de certo assunto. A história de Vitória revela fatos de amor, auto-estima e dedicação de uma mãe que fundou uma instituição - IPAESE, não apenas para atender as necessidades pessoais e da filha, mas acima de tudo, por ter reconhecido que somos seres humanos diferentes por natureza, e iguais por precisarmos do convívio comum.

Referências Bibliográficas

COOL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento Psicológico e educacional:** Necessidades especiais e aprendizagem escolar. Vol.3. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CURY, Augusto. **Revolucione sua qualidade de vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3 ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessáros à prática educativa. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RINALDI, Guiseppe. et. al. **Deficiência auditiva**. Brasília: SEESP, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora:** novas exigências educacionais de profissão docente. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LANZ, Rudof. **A pedagogia waldorf:** caminho para um ensino mais humano. 5. ed. São Paulo. Antroposofia, 1990.

FARO, José Antônio. **Outra explicação para a crise**. Exemplar 511. n° 11. São Paulo. Revista Cidade Nova, 2008.